

SEÇÃO RESENHAS CRÍTICAS



LUPETINA, Raffaella de Menezes. *Histórias de vida de indivíduos com surdocegueira adquirida*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

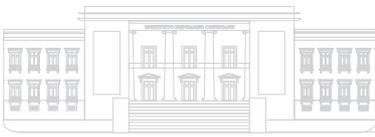
Allan Rocha Damasceno¹

Na introdução da obra, a autora descreve sua trajetória desde a graduação até o ingresso como docente do Ensino Fundamental no Instituto Benjamin Constant (IBC), instituição de referência nacional na formação de pessoas cegas. Nesse local, a autora realizou o curso intitulado “Aspectos Educacionais da Surdocegueira”, no qual foram discutidas as práticas pedagógicas realizadas com indivíduos surdocegos a fim de proporcionar o seu pleno desenvolvimento. O envolvimento da pesquisadora com o tema foi tão intenso, que ela realizaria, posteriormente, vários outros cursos pelo Brasil.

A obra tem como objetivos conhecer e analisar as trajetórias dos sujeitos com surdocegueira adquirida a partir da perspectiva do próprio surdocego. Toda a investigação se desenvolveu considerando as narrativas dessas pessoas sobre si mesmas. Ela se desdobra, ainda, nos objetivos específicos:

(a) identificar os processos educacionais vivenciados pelos indivíduos com surdocegueira adquirida conforme o depoimento deles; (b) descrever os laços e as relações socioafetivas dos sujeitos com surdocegueira adquirida de acordo com a perspectiva dos próprios surdocegos e (c) averiguar as possibilidades de atividades laborais e formação profissional experienciadas pelas pessoas com surdocegueira adquirida segundo os relatos dos protagonistas. (LUPETINA, 2020, p. 20).

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) – Seropédica, RJ, Brasil
Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF)
E-mail: lepedi-ufrj@hotmail.com



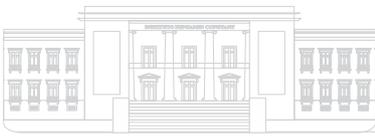
Ainda nas considerações introdutórias do livro, a autora realiza um interessante levantamento de trabalhos acadêmicos (dissertações e teses) produzidos no âmbito da pós-graduação no Brasil na área da surdocegueira, ampliando a investigação para os artigos publicados em periódicos, encontrando um dado substancial que (re)afirma a importância de seu estudo: a maioria dos artigos levantados utiliza a revisão de literatura como metodologia, não realizando contato com o surdocego, ou com pesquisas entrevistando o profissional ou o familiar que está próximo ao sujeito com surdocegueira, e não ele próprio.

Em seguida, a autora evidencia uma coleta das referências sobre surdocegueira em literatura estrangeira, com vistas ao conhecimento das investigações que vêm sendo realizadas principalmente em Língua Inglesa. Após o esforço realizado no levantamento das fontes, incontestavelmente se pode afirmar que pesquisas sobre surdocegueira adquirida ainda são raras no campo da surdocegueira, por sua vez, escassa na área da educação especial e inclusiva. Convém destacar ainda que além da relevância para o campo e a motivação pessoal e profissional para a escolha do tema, tal constatação evidencia a importância da metodologia adotada no estudo.

Nesse sentido, os levantamentos realizados possibilitaram que a autora afirmasse que os pesquisadores costumam entrevistar os profissionais que atuam com os surdocegos: professores, terapeutas ocupacionais, guias-intérpretes ou os familiares dos indivíduos com surdocegueira, em vez de pesquisarem com estes. Assim, Raffaella, em sua pesquisa, rompe com o silenciamento das produções acadêmicas sobre o surdocego, valorizando o protagonismo e a participação do indivíduo com surdocegueira adquirida, escolhendo para isso o método de História de Vida, que privilegia como fonte primária de dados o depoimento espontâneo dos sujeitos.

No primeiro capítulo, a autora nos apresenta os elementos fundantes de seu arcabouço teórico, abordando as principais definições sobre surdocegueira, as causas e os tipos existentes. Para tanto, aporta-se nas lentes teóricas de Masini, Cader-Nascimento, Lupetina, Keller, Silva, Cambuzzi e Maia. Ainda neste capítulo, Raffaella inicia uma importante discussão sobre as nomenclaturas que foram utilizadas historicamente para se referir à pessoa com surdocegueira, revelando que tais expressões por si só não se constituem em variantes de uma mesma designação, mas trazem em si sentidos/significados sobre a compreensão que se tem em cada contexto de uso das expressões sobre essa condição humana.

O estudo de Raffaella nos ensina muito. Um dos elementos que destaco diz respeito à reflexão de Masini sobre os professores que trabalham com surdocegos utilizarem a palavra



“comunicação” e os que trabalham com pessoas com deficiências múltiplas usarem “linguagem”, pois os primeiros costumam conhecer o processo de desenvolvimento de formas comunicativas concretas para as simbólicas, e não empregam a palavra linguagem por saber da dificuldade dos alunos surdocegos em simbolizar.

Um dos destaques que também considero relevante diz respeito à visão de Cader-Nascimento de que a definição de surdocegueira e a tentativa de categorização dos surdocegos precisam ser pensadas pelo viés sensorial e educacional, sendo que o primeiro abrange as características da deficiência, enquanto o segundo direciona o atendimento mais adequado para a pessoa surdocega. Tal constatação traz materialidade para se conhecer os métodos e recursos educacionais utilizados pela instituição de ensino que atua com surdocegos.

Ao final do capítulo primeiro, a autora evidencia, com bases empíricas, a invisibilidade loco-regional produzida pelas políticas públicas para pessoas com surdocegueira. Ela afirma que no estado de São Paulo existe uma rede de apoio: além de existir um Curso de Formação para guias-intérpretes para trabalharem com surdocegos adquiridos e de instrutores mediadores para atuarem com surdocegos congênitos (Grupo Brasil /Ahimsa), também é possível encontrar guias-intérpretes disponíveis para acompanhar os surdocegos em eventos, consultas médicas e outras saídas externas, ainda que em quantidade insuficiente.

No segundo capítulo, a autora apresenta as características e especificidades das formas de comunicação dos surdocegos, explicitando as funções de guia-intérprete e instrutor mediador, profissionais que atuam com os surdocegos adquiridos e congênitos. Aportando-se nas lentes de Watanabe, Raffaella afirma em seu estudo que quando se trata da pessoa com surdocegueira adquirida, o profissional indicado é o guia-intérprete; e quando se trata de pessoas com surdocegueira congênita ou com deficiência múltipla, o ideal é o profissional denominado instrutor mediador, pois além de dominar as diversas formas de comunicação, serão necessários recursos específicos e formas alternativas de comunicação, visto que o surdocego congênito e a pessoa com deficiência múltipla podem apresentar comprometimentos cognitivos que influenciam na forma de contato com os demais.

Ainda destaco neste capítulo o Quadro 9, no qual a pesquisadora organiza/apresenta as formas de comunicação para cada tipo de surdocego, o que constitui uma importante referência para estudos futuros na área. As imagens contidas neste capítulo são importantes fontes de conhecimento para o entendimento das formas de comunicação expressas, sendo a Comunicação Háptica a que mais se destacou em minha leitura sobre o estudo.



No terceiro capítulo, a pesquisadora apresenta o percurso metodológico, com destaque às características da metodologia de História de Vida. Ainda neste capítulo foram apresentados os sujeitos da pesquisa, o processo de escolha dos participantes, os “meandros” da pesquisa de campo, os procedimentos e equipamentos adotados, o processo tradutório de Língua de Sinais para Língua Portuguesa e a formação das categorias e subcategorias.

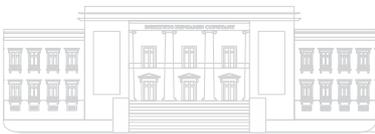
O capítulo está devidamente fundamentado, com explicitação objetiva da metodologia adotada, absolutamente consentânea aos objetivos da investigação. Nesse sentido, devido à clareza da trajetória metodológica do estudo, está garantida a reprodução do método em outros contextos de investigação no campo das ciências humanas, um dos pilares para afirmação da comunicabilidade científica.

Um dos pontos mais relevantes do capítulo refere-se ao Quadro 10, em que a autora apresenta as características das abordagens biográficas, ressaltando que História de Vida é a única que tem como característica a relação de vínculo entre o depoente e o pesquisador. Segundo Lupetina (2020, p. 93), *apud* Lévy, o método de História de Vida é “um encontro único entre um pesquisador e uma pessoa que aceita se confiar a ele – encontro que, também ele, tem sua própria história”. E com essa percepção, a partir da página 94, a autora realiza um levantamento sobre pesquisas na área da educação especial que utilizaram a metodologia História de Vida, sendo a pesquisa da professora Rosana Glat pioneira nesse cenário de investigação.

Em relação ao lócus de investigação, a pesquisadora revela que o que mobiliza a pesquisa são suas inquietações, sendo necessário ir à procura de quem pode de fato contribuir com as respostas para tal. Assim, com recursos próprios, a autora realiza seus estudos com sete sujeitos surdocegos adquiridos de três estados da federação: Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. No Quadro 13, descreve os procedimentos e coleta de dados, registrando o instrumento utilizado para o registro e a presença de apoio de outro profissional nessa etapa.

Em tempo, ressalto a originalidade da pesquisadora ao sistematizar a Figura 20, que denominou de “processo tradutório realizado com os surdocegos não oralizados”, e o Quadro 15, explicitação das categorias e subcategorias em que foram organizadas as narrativas dos sujeitos de pesquisa, segundo evocação de blocos temáticos.

No último capítulo, o quarto, são apresentados os trechos das entrevistas, que demonstram as singularidades e semelhanças entre os participantes, cujos relatos trazem características individuais, mas refletem elementos do grupo a que pertencem. Um destaque que faço dentre as ricas histórias narradas diz respeito a Antônio, que contou sua experiência como estudante de um curso superior numa instituição federal de ensino que, mesmo sendo referência na educação de surdos – o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) –, precisou realizar diversas adaptações para atender ao aluno surdocego.



Nesse sentido, vivemos um momento histórico em que os desafios do atendimento das demandas pedagógico-formativas de estudantes com deficiências se evidenciam e crescem na Educação Superior no Brasil, fruto dos investimentos realizados ao longo das últimas décadas na escolarização deste público na Educação Básica, que agora ascende no sistema educacional brasileiro ao Ensino Superior.

Uma narrativa que me comoveu diz respeito à exclusão escolar que enfrentou Elaine, quando afirma

De alguns professores eu tive apoio e de outros não. Assim, eu não tive apoio do de Química e de Inglês, que é uma matéria bem complicada principalmente pra quem tem surdocegueira né, e com isso eu desanimava porque até mesmo o professor de Química falava que eu fosse procurar uma educação especial que fosse me atender isso lá em meados dos anos 80. Eu não conhecia nada, até tentei buscar informações, mas infelizmente não consegui nada. Aí eu parei, eu parei de estudar no primeiro ano colegial (Elaine, 53 anos, fala ampliada). (LUPETINA, 2020, p. 137).

Essa narrativa é reveladora quanto aos processos de exclusão a que foram submetidos historicamente pessoas com deficiência e pelos quais tanto lutamos na contemporaneidade para serem superados.

Quanto à inclusão escolar, quem nos afirma sua potência é Renata:

Eu prefiro a escola regular. Antes eu até pensava que era bom assim, igual no Benjamin [Constant], porque ficam as pessoas com a mesma situação. Mas depois, para sair daqui e comunicar com o mundo lá fora ia ficar complicado. Ainda mais se a pessoa for tipo eu, que já não sou muito comunicativa com as pessoas. Aí para poder ir para o mundo fica mais complicado (Renata, 17 anos, fala estando perto). (LUPETINA, 2020, p. 166).

Devo ressaltar que, em todos os momentos das análises realizadas na obra, não houve abandono dos referenciais teóricos. Estes, de fato, se configuraram nas lentes que permitiram que a autora estabelecesse análises consistentes e fundamentadas. Assim, por toda a qualidade da obra, rigor teórico-metodológico, consistência das análises e contribuição ao campo da educação, recomendo enfaticamente a leitura do livro *Histórias de vidas de indivíduos com surdocegueira adquirida* e parabeno Raffaella pela excelência acadêmica da obra.

Recebido em: 30.8.2022

Aprovado em: 15.9.2022